

RESENHA CRÍTICA INFORMATIVA

Harlows Pimentel Rocha

PIPER, John. *Alegrem-se os Povos: a supremacia de Deus em Missões*, São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã 2001.

John Piper nasceu em 11 de janeiro de 1946, no Tennessee, EUA. Ele é escritor e pastor reformado da Igreja Batista Belém, em Minneapolis (Minnesota, EUA). Cresceu em Greenville, Carolina do Sul, estudou na Faculdade Wheaton, onde sentiu primeiro o chamado de Deus para ingressar no ministério. Ele se graduou no Seminário Teológico Fuller (Bacharelado) e na Universidade de Munique (Doutor em Teologia). Lecionou na Faculdade Bethel em St. Paul, Minnesota, e em 1980 aceitou o chamado para servir como pastor na Igreja Belém. Ele é autor de mais de 20 livros, e sua pregação e ensino são apresentados no programa diário de rádio “Desejando a Deus”. Neste livro se declara como um devedor das nações, admitindo ser esse débito não oneroso para sua vida, mas uma dívida que paga com júbilo.

Neste livro, John Piper declara claramente a sua compreensão quanto à soberania de Deus em missões, pois admite que Ele estabelece propósitos, dá sentido e é o alvo da missão da Igreja. Ele busca por meio de uma cuidadosa avaliação bíblica provar seus argumentos e demonstra que a tarefa principal da Igreja é a adoração, que aponta para uma vida de zelo pelo Senhor e que, conseqüentemente, desemboca no interesse pela propagação do Reino.

A obra está dividida em duas partes fundamentais, apresentadas pelo prefácio e encerradas por uma conclusão que se presta a descrever panoramicamente as principais idéias desenvolvidas na mesma. Na primeira parte, o autor fala sobre o propósito, poder e preço envolvido nas missões. Na segunda, ele argumenta acerca da necessidade e natureza da tarefa missionária.

Reconheço que John Piper permeia a sua obra com elaborações dignas de notas, das quais passo a mencioná-las: Primeiro, ele declara que “*as missões não representam o alvo fundamental da igreja, a adoração sim*” (pg.13). Tal declaração provoca, creio ter sido esse o objetivo, um impacto naqueles que achegam diante de um livro missionário, pois declara abertamente que os mesmos devem ser envolvidos na tarefa missionária alimentados pelo fogo da adoração, e desfaz o sentimento popular que a Igreja existe primariamente para evangelizar. A concepção dessa verdade está ligada a todo o arcabouço da obra, pois coloca o foco da missão não no homem, mas em Deus. O que de fato, não é só próprio, mas necessário em um contexto totalmente antropocêntrico.

Segundo, ele declara que *“o propósito principal de Deus é glorificar-se e alegrar-se em si mesmo para sempre”* (pg. 25). A conexão desta tese com a primeira é de íntima e reveladora relação. Antes, admite a primordial tarefa da Igreja, agora diz que na mesma esta estará cumprindo aquilo que satisfará o coração do Eterno Deus. Estas afirmações conduzem o leitor à compreensão de que missões começam em Deus, em glorificá-Lo, e a sua satisfação repercutirá em dadivosas bênçãos na atividade da Igreja. Piper reforça a idéia afirmando ainda que o deleite em Deus conferirá mais honra que o dever (pg. 30), e que Ele será mais glorificado em nós quando nos satisfazermos Nele (pg. 29).

Terceiro, ele declara que *“Deus está nos chamando, acima de tudo, para sermos o tipo de pessoa cujos tema e paixão são a sua total supremacia em nossa vida”* (pg. 43). Parece-me que o autor trabalha aqui a realidade existente de que em muitos casos a visão da Igreja quanto a missões é pequena, mesquinha e restrita. Ele diz adiante: *“Não haverá nenhuma grande visão universal sem um grande Deus”* (pg.44). O propósito do Deus Soberano para missões é reunir seus adoradores jubilosos de toda tribo, povo, língua e nação; e, para isso chama a Igreja.

Quarto, ele afirma que a vida é uma guerra e que *“a oração é principalmente um aparelho comunicador do campo de batalha para a missão da igreja, à medida que ela avança contra os poderes das trevas e da descrença”* (pg. 45). É fato que estamos envolvidos nesta guerra e quanto a isso não temos o que acrescentar ao que foi dito. Entretanto, lamento o fato de não acrescentar ao texto a importância da oração como alimento agradável no período dessa batalha. Não estou minimizando a guerra, mas dando à oração aquilo que é merecido, que é o deleite em Deus argumentado anteriormente, que por sinal reforça essa idéia. Talvez ao ler o livro alguém diga: mas o que está em questão aqui é a batalha vívida das missões; contudo, digo: nenhum soldado no campo de batalha resiste sem um alimento que lhe satisfaça. Mas, saliento que tal observação de modo algum prejudica a compreensão do que Piper vem a dizer: *“O propósito da oração é tornar claro a todos os participantes das missões que a vitória pertence ao Senhor”* (pg. 232).

Quinto, ele declara que *“O sofrimento de Cristo é um chamado para uma certa predisposição ao sofrimento, ou seja, isso é normal e o caminho do amor e das missões freqüentemente o requer”* (pg. 85). Após estabelecer a linguagem estratégica de guerra e, provar e veracidade do uso, ele aborda aqui a realidade do sofrimento na vida dos alistados para essa guerra. Inicialmente, deixa claro o exemplo supremo deixado pelo Mestre e, em seguida, descreve exemplos de servos fiéis que saíram do arraial e daqueles que até foram mortos no campo de batalha, mas não retrocederam da missão. A razão para tal coisa ele apresenta: *“(…) Deus ordena que a missão da sua igreja avance não somente pelo combustível da adoração e pelo poder da oração, mas a custa de sofrimento”* (pg. 233).

Sexto, admitindo que a vontade de Deus seja glorificar seu Filho, fazendo-O foco consciente de toda a fé salvadora ele diz que: *“(…) desde a encarnação do Filho de Deus, toda a fé salvadora deve, dali por diante se fixar nele”* (pg. 124). A suma da declaração aqui é: Cristo é

o centro consciente da missão da Igreja e não há possibilidade de salvação à parte Dele. Com isso, ele rebate três graves problemas que são: a) O inferno não é lugar de auto-redenção e santificação ou de aniquilamento; b) A obra de Cristo é útil para os cristãos, mas não é necessária para os não-cristãos; c) É possível que Cristo salve alguns que nunca ouviram falar dele por meio da fé que não tem Cristo como seu objetivo consciente. A partir daí o autor passa a provar biblicamente que não há salvação fora daquela que o Senhor Jesus conquistou com sua morte na cruz e sua ressurreição. Com isso firmado ele ainda diz que: “(...) o evangelho não é a revelação de que as nações já pertencem a Deus. O evangelho é o instrumento para levar as nações à igualdade de condições para a salvação” (pg. 143). Por fim, esclarece que Deus empreende que seu Filho seja o centro da adoração à medida que as nações recebem a palavra da reconciliação.

Por fim, ele ainda afirma que “(...) a tarefa missionária é reunir os redimidos de todos os povos por meio da pregação do evangelho” (pg. 208). Piper trabalha persistentemente a focalização de “povos não-alcanceados”, ao invés de novas áreas geográficas. Acredita que a vontade de Deus é que todo o grupo de pessoas receba o testemunho de Cristo (proclamação) e que um povo seja achado como adoradores (salvos). Ainda diz que: “*Impulsionando-nos em direção a todos os povos, Deus está nos conduzindo para uma experiência mais humilde e profunda de sua graça e afastando-nos cada vez mais do nosso orgulho enraizado*” (pg. 235). Com isso ele reforça o argumento inicial que a missão que inicia em Deus deve dá glória somente a Ele.

De fato, John Piper não exagerou quando afirmou que a obra serviria para pastores que desejam associar seus trabalhos frágeis, momentâneos e locais aos propósitos invencíveis, eternos e globais de Deus. Que serviria também para promover motivação a uma vida verdadeiramente cristã e inflamar a vocação com a focalização na Supremacia de Deus nas Missões. Vê missões por essa ótica é compreender a ação de Deus em projetar, levantar e executar essa obra através da vida da igreja adoradora para sua própria glória. Argumentar que Deus não é soberano em missões é atribuir à igreja o sucesso e glória que só a Ele pertencem; e, dizer que Ele é soberano em missões, mas que o homem é soberano na escolha é incoerência desastrosa. Mas, cabe um alerta: reconhecer essa soberania não exime os chamados de responsabilidade. Portanto, que a lição da obra fique e, formemos um exército guiado pelo Senhorio de Cristo nessa tarefa.